

# Prontos a competir

**EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA**

**O**s empresários brasileiros têm se empenhado fortemente pela recuperação da economia e consequente retomada do emprego, e no enfrentamento ao ambiente hostil à competitividade. Mas, ao invés de vermos tal esforço reconhecido, nos deparamos com a recente entrevista concedida pelo secretário Especial de Assuntos Estratégicos da Presidência, Hussein Kalout.

O secretário afirma que "o setor privado brasileiro não sabe competir", que se "acostumou a não ter de competir". A afirmação revela desconhecimento do que se passa no setor privado da economia brasileira. Com boa vontade, pode-se aceitar que é a visão de um acadêmico que, talvez pela falta de contato com a realidade brasileira, avalia que a atividade produtiva se resume a alguns poucos grupos cujo *modus operandi* foi devastado pela Lava-Jato.

De fato, conforme reconhece o secretário, "a política de campeões nacionais fracassou". O que ele parece desconhecer é que, muito distante da política de campeões nacionais, há milhares de empresas que lutam para sobreviver e sobrevivem num país que, hoje se sabe, era dominado por uma plutocracia político-empresarial. Mas esta plutocracia corrupta não pode jamais ser confundida com a esmagadora maioria do empresariado brasileiro. A ação, sobretudo do Ministério Público Federal e da Polícia Federal, foi responsável por romper este ciclo de corrupção e implodir a política de campeões nacionais.

É evidente que, se não soubessem competir, as pequenas, médias e grandes empresas brasileiras, que sempre se valeram das melhores práticas de governança, que sempre se pautaram por um comportamento ético, não continuariam a investir e a gerar empregos diante de adversidades de toda ordem.

**Plutocracia corrupta não pode ser confundida com a maioria de empresários**

Se há empresas que sabem competir, são exatamente as brasileiras. Ninguém se mantém vivo diante de uma carga tributária de 45% se não souber competir. As empresas brasileiras são sobreviventes. Cada uma delas.

O secretário Kalout acredita que "o Brasil tem mania de ser muito espertinho". É outra generalização que deve ser lamentada. Mais uma vez ela não se aplica à esmagadora maioria de uma população que se mantém tristemente à margem de uma distribuição de renda mais justa, atônita diante de tantos escândalos de corrupção e que sofre os efeitos de anos de governos desastrosos como os da ex-presidente Dilma Rousseff.

O governo Temer tem se pautado pela implantação de uma política econômica que recoloca claramente o país no rumo da retomada do crescimento e do emprego. É o que se deseja. A atividade produtiva é a maior aliada neste esforço para resgatar um país cuja economia foi devastada por desacertos estruturais, estratégicos e pela corrupção que permitiu a poucos grupos se apropriar de parte do Estado brasileiro.

As empresas e empresários de bem do Brasil estão preparados para contribuir com o resgate da atividade econômica. Eles contam com uma interlocução que, desde o início do governo Temer, tem se mostrado a mais aberta possível. É importante que ela continue desta forma. Uma visão sem preconceitos e mais alinhada com a realidade da atividade produtiva é condição indispensável neste sentido. ●

*Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira é presidente do Sistema Firjan*